

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE OS DIAS LINDOS

POSFÁCIO

Beatriz Rezende

COMPANHIA DAS LETRAS

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro

sobre fotografia © Cristiano Mascaro

Todos os esforços foram realizados para identificar
os personagens da fotografia.

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Regina Souza Vieira

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Ronald Polito

FOTO DO AUTOR

Fotografia de Carlos Drummond de Andrade
pertencente ao Arquivo—Museu de Literatura Brasileira,
da Fundação Casa de Rui Barbosa

PREPARAÇÃO

Jaime Azenha

REVISÃO

Carmen T. S. Costa

Marise S. Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

Os dias lindos / Carlos Drummond de Andrade;
posfácio Beatriz Rezende. — 1^a ed. — São Paulo:
Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2233-2

1. Crônicas brasileiras 1. Rezende, Beatriz. II. Título.

13-01181

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas: Literatura brasileira 869.93

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

QUATRO HISTÓRIAS

- | | |
|----|--|
| 13 | Corrente da sorte |
| 13 | i. Quarenta e oito cópias em quarenta e oito horas |
| 15 | ii. Considerações intervalares |
| 17 | iii. A tarefaposta em questão |
| 18 | iv. Entreabre-se a porta para a aventura |
| 20 | v. A tranquila viagem |
| 23 | vi. O homem testado |
| 25 | vii. Diálogo na fazenda |
| 27 | viii. Foste tu que o disseste, João |
| 29 | ix. O nome e o número |
| 31 | x. Cavalgada |
| 33 | xi. Final panorâmico |
| 36 | História de amor em cartas |
| 64 | A visita inesperada |
| 71 | Jacaré de papo azul |

SEIS HISTORINHAS

- | | |
|----|-----------------------------|
| 81 | Pescadores |
| 83 | Depois do jantar |
| 86 | A viúva do viúvo |
| 88 | Tatu |
| 90 | Noiva de Pojuca |
| 92 | No caminho de Canela de Boi |

O HOMEM E A LINGUAGEM

- | | |
|-----|------------------------------|
| 97 | O homem, animal exclamativo |
| 99 | O homem, animal que pergunta |
| 101 | O homem no condicional |
| 103 | O homem e suas negativas |
| 105 | Dizer e suas consequências |
| 107 | As palavras que ninguém diz |

- 109 Conversa na fila
- 113 Prazer em conhecê-lo
- 116 Olá, mestre
- 118 Caso de sequestro
- 122 O clube da ilusão em Felisburgo
- 125 A flor e seu nome
- 128 Zarandalha
- 130 Despedida de cordel

PASSAGEM DO ANO

- 135 Vacina de ano-novo
- 137 Anúncio de viver
- 139 Canção de todos os carnavais
- 142 Equipamento escolar
- 145 Os dias lindos
- 147 Presente para a senhora
- 149 Outro presente para a senhora
- 152 Dia santo e feriado
- 154 Tanajura como alimento
- 157 Cosme e Damião: o senso da fraternidade
- 160 Elegia do Guandu
- 162 O crime de Fátima

AH, COMO A VIDA É BUROCRÁTICA!

- 167 Eu, você, ele: números
- 170 A dependente
- 172 O novo *Diário Oficial*
- 174 O sabor da laranja
- 176 Poluição sob controle
- 178 Como prevenir assaltos
- 180 Sem ódio
- 182 Autoridade e cartão

- 184 Venha correndo
- 186 Hora de chorar
- 189 Apólice
- 192 Tempo perdido
- 194 Morrer é fácil; difícil é ser enterrado

MATUTAÇÕES

- 199 O estranho caso de 2 e 2
- 201 A segunda primeira vez
- 203 Que fazer com os pelos do ouvido
- 205 Desagradável
- 207 A mão e o convite
- 210 Como se fosse balanço
- 212 Estátuas egípcias
- 214 Projeto de carta

- 217 Nota da edição
- 219 Posfácio
- A prosa nos jornais, BEATRIZ REZENDE*
- 231 Leituras recomendadas
- 232 Cronologia

CORRENTE DA SORTE

I. QUARENTA E OITO CÓPIAS EM QUARENTA E OITO HORAS

Esta corrente vem da Suazilândia. Foi começada por frei Pantaleão das Mercês, missionário ao norte de Moabane, e deve dar quatro vezes a volta ao mundo, sem qualquer interrupção. Faça quarenta e oito cópias, mande-as a seus amigos ou conhecidos, e terá uma surpresa agradabilíssima dentro de nove dias. Se não for supersticioso, preste atenção no seguinte:

- 1) O coronel Tapigang, depois de copiar e expedir, ganhou 100 mil dólares no Iansquenê, uma semana após.*

- 2) A dra. Zerbinda Fucks, que recebeu e rasgou, foi fulminada por derrame cerebral ao fim de quatro dias.*

- 3) O romancista Ludwig Kostelreuter, tendo copiado e passado adiante, foi presenteado por uma admiradora com um castelo na Dinamarca, na manhã seguinte.*

- 4) O ministro Leopold Fabregat, da Câmara de Finanças de Heligville, não quis perder tempo em cumprir a recomendação, e o teto do seu gabinete desabou sobre ele, três dias depois, esmagando-o.*

Não vacile. Não descreia. Não escarneça. Faça você mesmo as cópias e ponha-as no correio antes que seja tarde: dentro de quarenta e oito horas, não mais.

João Brandão correu à velha máquina Austin-Burt/1934, para que a corrente da felicidade não parasse em suas mãos. Não que almejasse usufruir castelo em Mangaratiba ou dólares em conta de banco suíço. Tampouco receava catástrofes pessoais por falta de cumprimento do prescrito. Entendia, porém, que as correntes são um dos raros meios de ligação positiva entre os habitantes do globo, e ele, Brandão, por destino e raciocínio, é adepto da fraternidade universal. Se esta não pode conseguir-se em torno de um grande ideal, tentemos instaurá-la, pelo menos, em torno da possibilidade de um ganho físico, oferecido a todos, destarte irmanados e conciliados.

Quarenta e oito cópias é muita batida para quem tem mais que fazer e que, além disto, seria inabilitado em prova para

datilógrafo. Não importa. Catando milho, e boa vontade ajudando, as quarenta e oito seriam despachadas antes que se escoassem as outras quarenta e oito do prazo estabelecido.

A máquina reagiu a esse bom propósito logo na primeira letra. O E saiu fora do alinhamento, e a fita se embaracou, obrigando João a sujar os dedos para arranjá-la. O nome Suazilândia recusava-se a ser escrito corretamente. Saía Suzilândia, Sissilândia, Disneylândia. Que atos falhos estariam por trás desses erros? E erros de quem: de João ou da máquina?

Quando ia chegando, após reiterados esforços, à dra. Zerbinda, João se lembrou de que não se lembrara de botar carbono. Iria fazer cada cópia de uma vez, ele, inexperto datilógrafo? Tirou o papel do rolo e providenciou para que o serviço fosse dividido em doze operações de quatro cópias cada uma. Não queria mais de quatro, para que seus quarenta e oito destinatários pudessem ler claramente o texto e não alegassem, mais tarde, que a mensagem era indecifrável.

— Seu café está esfriando — ponderou-lhe a dedicada Jurema, ao ver que João nem olhara para a bandeja posta a um canto da mesa; pois aquele café, àquela hora, fazia parte dos ritos mais sagrados do meu amigo desde tempos imemoriais.

— Dentro de quarenta e oito horas eu bebo ele — respondeu João maquinalmente, para espanto da serviçal, que achou melhor retirar-se em direção à sua copa-e-cozinha antes de testemunhar novo disparate, confirmativo de que o patrão endoidara.

A verdade é que ele estava em perfeito juízo, empenhado em reler as quatro primeiras cópias produzidas pelo seu afã unanímista de cumprir a ordem vindia de longe e conducente à felicidade geral dos humanos.

Decepção: fora omitido o ministro Fabregat, e João teve que começar pela segunda primeira vez.

— Larga essa porcaria aí e vem comigo curtir os jardins de setembro — exclamou, irrompendo no escritório, seu primo Neco Brandão, que sempre entra nas histórias sem ser chamado pelo contexto.

II. CONSIDERAÇÕES INTERVALARES

— Estou empenhado num projeto gradualista de satisfação universal — respondeu João Brandão — e você chama a isto “uma porcaria”? Promover fortuna para quarenta e oito pessoas, como elos de uma corrente que, bem articulada, livrará a espécie humana, capaz de escrever à mão ou à máquina, de frustrações que conduzem à neurose e à guerra, isso é porcaria?

— Ora — retrucou Neco — você está se garantindo uma boa fatia, ao passar a corrente para quarenta e oito pessoas. Não me parece um pensamento muito elevado.

— Devo ganhar também, não nego, mas para mim é acessório. Servirá apenas para confirmar a validade do sistema. De resto, não sei o que vou ganhar nem o que fazer do meu ganho.

— Recuse-o, então, demonstrando superioridade.

— Seria demagógico. Prefiro enterrar a fortuna no quintal, para que um dia alguém a descubra e fique com ela. Só que não tenho quintal, e cavar buracos por aí, além dos que são privilégio de empresas e órgãos oficiais, é sumamente perigoso. Podem suspeitar que estou ocultando bombas ou segredos internacionais. De qualquer modo, darei sumiço ao que me couber.

— Mas você acredita mesmo que as correntes distribuem fortunas?

— Por que não? As loterias distribuem fortunas, as fortunas estão aí para ser distribuídas. Me deixe acabar minhas cópias.

— E os jardins de setembro? Estão florindo e convidando ao gozo ótico e olfativo, canais de acesso ao gozo mental.

— Neco, você sabe muito bem que a primavera não passa de uma metáfora, e que o seu curso antes do dia 22 é mera alucinação.

— Joãozinho, o que eu chamo de jardins de setembro é algo mais que uma representação da primavera, são as imagens deleitáveis da vida, o eterno feminino, o prazer de existir, a graça do minuto, essas coisas de que você se priva, enfurnado aí na vã tarefa de correntes da felicidade.

— Da sorte. Sou bastante realista para não confundir sorte com felicidade. A questão é que ainda não fiz uma cópia que

preste, e você me perturba com esses convites volíptuários. Sou péssimo datilógrafo sozinho, que dirá assessorado. Primo, retire-se de minha presença e aguarde em casa a cópia que lhe mandarei pelo correio.

Neco despediu-se, e João ia voltar ao seu mister, quando reparou que uma rolinha pousara na janela e parecia querer dizer-lhe alguma coisa.

— Rolinha amada, não me venha pedir que suspenda meu trabalho para dar-lhe miolo de pão. Já a alimentei hoje bem cedo.

— No que você se engana — piou a visitante — pois foi uma de minhas colegas que esteve aqui às sete horas. O que eu desejô é realmente que você pare com isso, mas pelo seu bem e pelo bem de seus amigos.

— A corrente pode fazer mal até aos que acreditam nela?

— Pode fazer um bem que é um mal, se realmente as coisas acontecerem a favor. Qualquer dom da sorte se paga com o uso impróprio do mesmo dom. Os homens não têm estrutura para fruir prêmios caídos do céu ou do acaso. Premiados, entram pelo cano, se me permite a expressão.

— Muito filosofas para uma simples rolinha que és, querida. Mas eu preciso acreditar em qualquer coisa, e a coisa que me apareceu foi uma corrente da sorte. É pouco, mas defendo este pouco.

— Já avisei. Estamos conversados — e voou.

Ninguém estranhe conversa de rolinha com João Brandão. Aliás, ninguém deve estranhar nada. A primeira lei da vida é exatamente a inobservância das leis, e se há uma que proíbe a conversa entre o homem e a natureza, evidentemente é das que não pegaram nem podiam pegar.

O resto do dia passou-se no esforço de João para obrigar sua velha máquina a compor a mensagem da sorte. Conseguiu oito sofridas cópias, e, exausto de tanto pelejar em prol de uma parcela da humanidade ambiciosa, cochilou, dormiu sobre o teclado e sonhou.

III. A TAREFA POSTA EM QUESTÃO

Sonhou. No sonho apareceu-lhe nada menos que frei Pantaleão das Mercês, indigitado promotor da corrente da sorte que passara a ocupar o tempo integral e a mente idem de João Brandão. Tinha à direita, como assessor, um anjo moreno, e em torno de sua cabeça via-se o discreto resplendor de terceiro grau que assinala os santos mais humildes. Pantaleão falou com doçura:

— Meu filho, não percebeste que esse papel, vindo aparentemente de tão longe, deve ter sido fabricado aí mesmo nessa cidade buliçosa que é o Rio de Janeiro, amante de burlas, e peca pela mentira inicial? Não sou missionário em África, nem nunca fui. Minha vida prestante se passou no século XVII, toda ela no interior do Mosteiro de Tibães, em que entrei como noviço em 1620. Fui monge-carpinteiro e jamais pretendi conduzir as almas no caminho da riqueza material. A circular é falsa, meu João, e farás bem em rasgá-la, porque traz consigo o germe da perversão dos costumes e do desvario da alma cristã.

João objetou-lhe que onde lera frei Pantaleão das Mercês talvez estivesse escrito inicialmente Nei Pontes de Leon Garcez, e tudo não passasse de distração de maus copistas. Certamente, o papel vinha do Rio, mas sua fonte longínqua podia muito bem ser a Suazilândia como qualquer ponto da Terra. Quanto ao fato de prometer regalos materiais, uma avaliação mais correta do homem contemporâneo leva a crer que não há outro caminho para conseguir dele, como dos países, a virtude e a paz, senão atochá-los de dinheiro, “muito dinheiro”, como lá diz a musiquinha da novela das sete. E ele, Brandão, entrara nessa jogada com absoluto desinteresse pessoal, pois não lhe apetece a posse das coisas, senão o conhecimento e o significado delas, com o propósito de ajustá-las a um estatuto harmônico.

O santo beneditino abanou a cabeça, consternado. O anjo-secretário puxou-o pela manga, murmurando:

— Vamos embora, frei Panta, que esse aí não está com os parafusos ajustados.

Só aí João reparou que pousara num lugar delicioso, de claridade e som equilibrados, com ausência de cartazes eleitorais e

de estatísticas econômico-financeiras. E sem filas, por maior maravilha. Enfim, lugar que seria o Paraíso, se o Paraíso pudesse ser descrito. Cessava ali a convulsão dos ambiciosos, as pessoas circulavam como ideias, livres de confusão ou temor. Num ponto adornado de flores e pássaros, via-se a placa: "As amargas, não". Logo reconheceu a figura míope de Álvaro Moreyra, que precisamente há dez anos habita este sítio de mansuetude, em que, à tarde, conversa com são Francisco de Assis e os burrinhos — uns burrinhos filosóficos e benevolentes, nada pedantes.

— Oi, Alvinho! Que saudades de você, lá embaixo!

Alvinho sorriu, como quem sabe das coisas e não vê diferença entre estar lá em cima ou cá embaixo, desde que o importante não é estar aqui ou ali, mas ser. E ser é uma ciência delicada, feita de pequenas-grandes observações do cotidiano, dentro e fora da gente. Se não executamos essas observações, como ele soube executar, não chegamos a ser: apenas estamos, e desaparecemos.

João Brandão refletiu nisso o tempo de abraçar seu amigo Álvaro Moreyra, que, pelo visto, não dava bola para correntes da sorte, pois preferira sempre colecionar burrinhos e agradecer à vida "as pequenas alegrias de quase nada".

Eram, positivamente, dois votos contra a corrente africana ou pseudoafricana, um expresso, outro subentendido. Sem falar na opinião anterior de Neco e na advertência pessimista da rolinha. O sonho de João ia terminar, no que se ouviu o coro de quatro vozes entoando um madrigal de Palestrina sobre versos líricos de Petrarca, e era tão lírico e tão lindo, tão lirolindo, que fazia esquecer o objeto do sonho, espécie de exame onírico de consciência de João Brandão, já agora dilacerado entre o desejo de ajudar seus irmãos homens e o ceticismo sobre a validade do processo adotado.

IV. ENTREABRE-SE A PORTA PARA A AVENTURA

Dia seguinte, cedo-escuro ainda, os papéis foram colocados novamente na máquina, e recomeçou a operação de multiplicar aquele texto em que João Brandão não confiava mais, porém

confiava ainda, a exemplo do que sucede a tantas coisas que nos provocam reações duplas, triplas ou múltiplas, sucessiva ou simultaneamente. Coisas que, de resto, não são responsáveis pela variabilidade e incoerência de nossas impressões convertidas em julgamentos. Metade do prazo fora consumido em tentativas, malogros, debates interiores e exteriores, e sonho. Urgia aproveitar a outra metade. Seria lamentável que a corrente parasse em suas mãos, depois de tanto empenho em estabelecer um de seus anéis.

A campainha tocou. Vício das campainhas, tocarem no momento em que absolutamente não deviam fazê-lo, pois necessitamos de silêncio. Jurema, a fiel escudeira doméstica, não apareceu para atender. E o som de cigarra insistindo. João foi abrir a porta para três homens que entraram sem pedir licença nem dar explicações. Convidaram-no simplesmente, com polidez asséptica, a acompanhá-los. Não cabia discutir, pois era como se estivessem armados. Mais do que armados, pareciam cumprir uma determinação originária de poderes que dispensam justificações escritas ou verbais, ligados que estão a um mecanismo superior às convenções vigentes em sociedades ditas organizadas. Quando o destino bate à porta, você não vai perguntar-lhe se trouxe CPF e cartão do IFP. Cessam miúdas formalidades terrestres. João Brandão, o que se ilumina diante do mistério, embora permaneça bronco no trivial urbano, compreendeu que devia obedecer, abrindo uma segunda porta, esta invisível, para o que desse e viesse.

Os quatro desceram pelo elevador. Elevador é aquele aparelho de confronto de corpos em que a proximidade excessiva obriga ao recuo das mentes, de sorte que estamos e não estamos juntos, acabando por instalar-se um grande deserto, que, felizmente, não dura mais de um minuto ou dois. João, entretanto, não sentiu distanciamento moral em face dos três desconhecidos. Emissários do tal poder não cotidiano, eram tão impessoais que não seria razoável identificá-los como assaltantes, como agentes de segurança em missão reservada ou como passageiros comuns. O baixinho, de bigodão, praticamente não tinha nada além do bigodão para marcar-lhe a fisionomia, e o bigodão ficava dissolvido na neutralidade do semblante. O altão,

calvo e corcunda, era antes uma fotografia xeroquizada, em que os traços tanto podem ser assim como assado. O terceiro, não se dirá que fosse alto ou baixo, gordo ou magro, claro ou moreno: era simplesmente o terceiro, o que perfaz o número requerido. E todos três seriam o que, nos velhos programas de teatro, se chamava de N, N e N, como figurantes accidentais.

— Um momento. Me esqueci de uma coisa importante — informou Brandão. Os três assentiram em que ele voltasse ao apartamento para apanhar as *Elegias*, de Cecília Meireles, peça gráfica muito prima, bolada por Salvador Monteiro e Leonel Kaz nas Edições Alumbramento, com desenhos originais de Aldemir Martins. João enamorara-se do livro, como se apaixonara desde sempre pela poesia de Cecília, e não podia desligar-se da presença física dessa obra de arte. “Onde eu vou, a poesia de Cecília vai comigo, tornando sutil o caminho.” Outro levaria consigo, para estudo atento, o PND-II, que acena com a renda *per capita* de mil dólares e pico para cada brasileiro em 1979, mas João é da poesia, e basta.

Subiram e desceram na calma, nosso amigo sentindo-se à vontade. Embora, caracterologicamente falando, na classificação de Groningue, tenha muito de E-NA-S (emotivo não ativo sentimental), ele experimentava uma coceirinha de prazer, ao ser conduzido à aventura, que deveria causar-lhe apreensão, para não dizer medo amarelo e cavernoso, nas entradas do ser. Ordinariamente, suas odisseias e rondôrias eram mentais; agora, passavam a concretas. *Ave!*

O carro cor de vinho em que ele e seus supostos sequestradores entraram rumou para o Túnel Rebouças, que é o ponto de referência mais indicado para início de rocamboles como este que, canhestramente, mas em obediência aos cânones da verdade, vou procurando narrar.

V. A TRANQUILA VIAGEM

O Túnel Rebouças, no sentir de João Brandão, só geograficamente une duas partes da cidade: psicologicamente, separa-as,

com seu hiato de rocha e sombra infindáveis, em que a luz é presença fantasmal. Aprofundando, João entende que o Túnel Rebouças separa você de você mesmo. Ao entrar nele, mesmo se for o seu caminho de rotina, é como se você penetrasse em região estranha, de onde fugiram todas as referências que constituíam prova de sua situação no mundo físico. Somos um antes e depois de atravessá-lo; durante a travessia, não nos pertencemos nem somos um indivíduo determinado, mas simples objeto manipulado por forças obscuras, de telurismo primevo. Viagem no coração da Terra: aonde levará? Em instante bissexto de poesia, João chegara a dedicar-lhe este exercício de imagens:

*O Túnel Rebouças
(para que não me ouças)
tem algo de estígio
e nas suas touças
de carvões sanguíneos
pressinto o uropígio
da ave crocitante
que me fere as ouças
na espuma de vante.
Ilusor prodígio
de avernais escrínios?
Esquecer, e avante.*

O carro cor de vinho, tornado morta-cor, varou o buraco sem que a sensação de barca de Caronte, misturada a alguns enchimentos poéticos, se repetisse para João Brandão. O túnel ofereceu-lhe antes a imagem alegre de rota para um país de férias, ou pelo menos de mudanças — mudanças que são esperanças. N-1 chegou a sorrir-lhe sob o tapume do bigodão. N-2 ofereceu-lhe um cigarro discreto, desses que ainda não foram anunciados na tv em cores. E N-3 esboçou a sempiterna conversa sobre tempo, esse tempo que nunca se sabe se vai mudar ou se já mudou, pelo que devemos precavidamente usar roupas bem agasalhantes e nada agasalhantes ao mesmo tempo — as

quais não foram ainda inventadas, mas ouvi falar que há um projeto aí da Fibrilínia capaz de resolver, e tal e coisa. Do tempo deslizaram para futebol, cujos problemas técnicos, políticos e financeiros são de todos nós, os que torcem por um clube e os que não torcem absolutamente mas são compelidos a sacar uma fórmula que impeça o doloroso espetáculo, previsto para breve, dos grandes clubes, de chapéu na mão, recolhendo espórtulas na escadaria da Catedral, e sem ter quem as oferte, enquanto prevalecer o regime vigente — regime esportivo, entenda-se. E se todos os atletas fossem nomeados servidores públicos? sugeriu Brandão, num de seus impulsos incoercíveis de resolver problemas gerais.

Tais miudezas de papo não estão aqui para encher a paciência do leitor; caracterizam o clima do sequestro de João Brandão, sem tintas de violência sanguinária ou mera brutalidade policial. Os três N e ele desenvolviam esse tipo de conversa mole que ajuda a passar o tempo do percurso e tanto conduz à aproximação cordial como ao esquecimento recíproco. Sobretudo, mantinha a atmosfera serena, pois nem João tramava fugir do carro se os raptadores descessem para fazer pipi, nem eles pareciam receosos de tentativa de fuga do raptado.

Para onde o levavam, transposta a área urbana: à Costa do Sol, à região das Três Serras, ao inominado interior? Não quis perguntar. Decerto nada lhe diriam, nem era preciso saber onde e como, se o mais relevante seria apurar para quê. João sentia que tudo se ligava ao episódio da corrente da sorte, interrompida porém não despedaçada, e era necessário inserir-se na extensão de uma segunda corrente, a dos fatos determinados pela inserção dos elos da primeira na corrente geral de sua vida. Correntes entrelaçadas, em suma. Pediu a N-3 que se afastasse um pouco, de modo que ele pudesse abrir o volume de *Elegias cecilianas*. Abriu e mergulhou neste fragmento de verso:

...uma solenidade de mundo trabalhando sozinho.

O carro estacou diante da porteira de uma fazenda velha, com os clássicos três coqueiros dando boas-vindas.